



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

SAMUEL ALMEIDA BRASILEIRO

**ANÁLISE DOS TRIES DO RUGBY EM CADEIRA DE RODAS NA PARALIMPÍADA
DE TOQUIO 2020**

JOÃO PESSOA - PB
2024

SAMUEL ALMEIDA BRASILEIRO

**ANÁLISE DOS TRIES DO RUGBY EM CADEIRA DE RODAS NA
PARALIMPÍADA DE TOQUIO 2020**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina Seminário
de Monografia II, como requisito
parcial para obtenção do grau de
bacharel em Educação Física, no
Departamento de Educação Física
da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Dr^a Elaine Cappellazzo
Souto

JOÃO PESSOA – PB

2024

Ficha Catalográfica

B823a Brasileiro, Samuel Almeida.

ANÁLISE DOS TRIES DO RUGBY EM CADEIRA DE RODAS NA
PARALIMPIÁDA DE TOQUIO 2020 / Samuel Almeida

Brasileiro. - João Pessoa, 2024.

27 f. : il.

Orientação: Elaine Cappellazzo.

TCC (Graduação) - UFPB/CCS.

1. Rugby em Cadeira de Rodas. Tries. Período. I.
Cappellazzo, Elaine. II. Título.

UFPB/CCS

SAMUEL ALMEIDA BRASILEIRO

**ANÁLISE DOS TRIES DO RUGBY EM CADEIRA DE RODAS NA
PARALIMPÍADA DE TOQUIO 2020**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina Seminário de
Monografia II, como requisito parcial
para obtenção do grau de bacharel em
Educação Física, no Departamento de
Educação Física da Universidade
Federal da Paraíba.

Monografia aprovada em:

Banca examinadora



Prof. Dra. Elaine Cappellazzo Souto
Universidade Federal da Paraíba Orientadora

A handwritten signature in blue ink, reading "Luciano Meireles de Pontes".

Prof. Dr. Luciano Meireles de Pontes
Membro

A handwritten signature in blue ink, reading "Eugenio Pacelli do Nascimento".

Prof. Me. Eugenio Pacelli do Nascimento
Membro

João Pessoa - PB

2024

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha amada avó, Maria dos Anjos Leite (*in memoriam*), que foi a precursora dos meus estudos, sem ela não seria nada na vida, ela quem me ensinou a perseverar em tudo.

Também a minha esposa querida, Flavia Raiany Silva Brasileiro, que está me dando forças e me apoiando para terminar meus estudos e me apoiando em tudo na vida.

Ao meu pai que esteve presente em minha vida, me dando força e sabedoria para crescer na vida.

A minha tia Ana Grécia, que cuidou de mim quando criança, que sempre procurou me ajudar nos momentos difíceis.

E a toda a minha família, pelos momentos de aprendizado ao longo dessa vida.

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus, pois vem me dando forças cada dia para que eu possa procurar melhorar cada dia.

Agradecer a professora e doutora Elaine Cappellazzo Souto por ter me ensinado, no âmbito estudantil e lições de vida, como também me ajudar nessa fase, que é a construção de um TCC.

Aos professores Luciano Meireles e Eugenio Pacelli por aceitarem fazer parte da minha banca examinadora.

Aos professores que fizeram parte da minha trajetória na UFPB no curso de Educação Física.

Também aos meus colegas de sala que estavam comigo nos momentos que precisei em sala de aula.

Daria tudo que sei pela metade do que ignoro – **RENÉ DESCARTES**

RESUMO

Introdução: O rugby em cadeira de rodas é um esporte paralímpico popular realizado por pessoas com tetraplegia e outras características funcionais similares. O Rugby em Cadeira de Rodas é um esporte paralímpico que tem sua história recente e, com isso, diversos estudos tem sido elaborados. Os jogadores são divididos em sete classes funcionais (do 0,5 ao 3,5). Esta classificação é importante para que a disputa possa estar igualitária, tornando assim um esporte democrático em que diferentes pessoas, com diferente comprometimento motor, possam competir. O esporte é caracterizado por ações intensas e de curto período de duração, realizadas durante todo o tempo de jogo. Sendo assim um esporte de pequenos intervalos de ações de ataque-defesa. O objetivo deste presente estudo foi analisar os tries em jogos de rugby em cadeira de rodas de alto rendimento. Ao total foram analisados 1221 tries na Paralimpíadas de Tóquio 2020, verificando assim o total de tries de cada classe funcional, através da súmula dos jogos de Rugby em Cadeira de Rodas. Observou-se diferença significativa entre os grupos de classe, independentemente do período de jogo ($P < 0,001$), mas não entre períodos ($P = 0,791$) ou interação do período com a classe funcional ($P = 0,993$). Ao comparar a quantidade de trie por jogo por grupos de classe, foram detectadas diferenças significativas entre todos os grupos ($P < 0,001$). Mostrando assim que houve diferença entre as classes na marcação dos tries, mas não houve diferença no período, evidenciando assim que as equipes devem procurar individualizar seus treinos para cada jogador.

PALAVRAS-CHAVE: Rugby em Cadeira de Rodas. Tries. Período.

ABSTRACT

INTRODUCTION: Wheelchair rugby is a popular Paralympic sport that is performed by people with quadriplegia and other similar functional characteristics. Wheelchair Rugby is a Paralympic sport that has a recent history and, as a result, several studies have been carried out. Players are divided into seven functional classes (from 0.5 to 3.5). This classification is important so that the competition can be equal, thus making it a democratic sport in which different people, with different motor impairments, can compete. The sport is characterized by intense and short-term actions, carried out throughout the game. Therefore, it is a sport of short intervals of attack-defense actions. The objective of this present study was to analyze tries in high-performance wheelchair rugby games. In total, 1221 tries were analyzed in the Tokyo 2020 Paralympics, thus verifying the total number of tries for each functional class, through the summary of the Wheelchair Rugby games. A significant difference was observed between class groups, regardless of the period of play ($P < 0.001$), but not between periods ($P = 0.791$) or interaction between period and functional class ($P = 0.993$). When comparing the amount of tries per game by class groups, significant differences were detected between all groups ($P < 0.001$). Thus showing that there was a difference between classes in scoring tries, but there was no difference in the period, thus showing that teams must seek to individualize their training for each player.

Keywords: Wheelchair Rugby. Tries. Periodo.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
3. MATERIAIS E MÉTODOS	17
3.1 Caracterização da pesquisa.....	18
3.2 População e amostra.....	18
3.2 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados	18
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
REFERÊNCIAS	23
ANEXOS / APÊNDICES.....	26

1. INTRODUÇÃO

O rugby em cadeira de rodas é um esporte paralímpico popular e praticado por pessoas com tetraplegia e outras características funcionais similares. (YILLA et al. 1988). As pessoas que participam do esporte possuem lesão medular ao nível cervical, amputação em pelo menos três membros, distrofia muscular, paralisia cerebral, entre outras deficiências que possam acarretar a tetraplegia. A modalidade foi criada em 1970 no Canadá e logo difundiu-se, em um primeiro momento na América do Norte, na década 1980, e posteriormente em diversos países pelo mundo (YILLA et al., 1988).

A classificação funcional (CF) dos atletas varia entre 0.5 a 3.5, onde quanto mais baixa a classe, maior será o comprometimento motor dos membros (WWR, 2022). Os jogadores de menor classificação tendem a ser jogadores de defesa, devido ao seu maior comprometimento. Os de maior classificação tem menor comprometimento, “além disso, devido à sua capacidade de locomoção mais eficiente, devido ao menor comprometimento funcional e maior habilidade motora, esses jogadores podem atuar tanto na defesa quanto no ataque, contribuindo para a dinâmica e eficácia do time em diferentes situações de jogo”. (SILVA, 2023).

Embora as classes altas possam trazer habilidades e capacidades diferenciadas para a equipe, a vitória no RCR geralmente é determinada por uma combinação de diversos elementos, tais como estratégia de jogo, trabalho em equipe, habilidades individuais dos jogadores, condicionamento físico, técnica, tática e tomada de decisões durante a partida (QUINTINO; REIS, 2021).

O Rugby em Cadeira de Rodas é um esporte com características bem marcantes, como as formas de defender e atacar. O ataque se torna completo quando o jogador de ataque atravessa a linha final com a bola em sua posse. Os gols são anotados quando os atletas ultrapassam o gol na linha de fundo adversária carregando a bola (espaço de oito metros, demarca dos no centro das linhas de fundo por dois cones) Gorla et al. (2011).

Tem sido verificado que no rugby em cadeira de rodas os estudos têm direcionado para as habilidades dos jogadores, como passe, recepção entre outras

características. A forma de marcar ponto ainda é escassa com relação à pesquisa da classificação funcional de cada atleta com a marcação dos tries.

Com dados como esses podemos verificar a melhor estratégia, para aprimorar a defesa ou ataque da equipe. Portanto, essa pesquisa tem em vista analisar os tries em relação à classificação de cada jogador, para que atletas, técnicos e futuros técnicos consigam identificar uma oportunidade de melhorar cada vez mais suas equipes, favorecendo o lado técnico-tático. Para tanto temos como objetivo principal analisar tries em jogos de Rugby em Cadeira de Rodas da Paraolimpíada de Tóquio 2020, como também identificar o número de tentativas registradas por período de jogo e a realização dos tries por classe funcional.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo será abordado as referências bibliográficas para uma melhor compreensão da história do Rugby em cadeira de rodas, como o esporte funciona e tática e tecnicamente.

2.1 Historia do Rugby em Cadeira de Rodas

O Rugby em Cadeira de Rodas, também chamado de “Quad Rugby” surgiu no Canadá, na década de 1970, então com o nome de “Murderball” (ABRC, 2023). O esporte deu início, pois pessoas com deficiência, que não conseguiam o mesmo desempenho que as praticantes de basquete em cadeira de rodas, tinham o desejo de realizar uma prática esportiva, assim criado o Rugby em Cadeira de Rodas para pessoas com tetraplegia ou tetra equivalência.

O Rugby em Cadeira de Rodas é uma modalidade esportiva adaptada que proporciona inclusão e competitividade para pessoas com tetraplegia e tetra equivalência. Por definição, a tetraplegia, é a paralisia dos quatro membros. Indivíduos com tetraplegia apresentam funções motoras e/ou sensoriais nos segmentos da coluna cervical que são prejudicadas ou perdidas devido a danos nessa parte da medula espinhal (QUINTINO; REIS, 2021). São elegíveis para a prática do Rugby em Cadeira

de Rodas atletas com deficiência física, porém, com alto grau de comprometimento, sendo no mínimo três membros a nível neurológico ou amputação e deformidades nos quatro membros (ABRC 2020).

O esporte teve seu primeiro desenvolvimento na década de 1980 na América do Norte. O primeiro aparecimento na Paralimpiada foi em Atlanta 1996, apenas como demonstração, e sua estreia oficial em uma Paralimpíada foi no ano de 2000 na de Sydney. No Brasil o esporte é administrado pela Associação Brasileira de Rugby em cadeira de Rodas (ABRC) segundo o Comitê Paralímpico Brasileiro (2024). O Brasil teve sua primeira aparição em uma Paralimpiada no Rio 2016.

Verifica-se que os Jogos Desportivos de Oposição e Cooperação (JDOC) constituem, na atualidade, uma realidade sociocultural que ocupa lugar significativo nas sociedades contemporâneas, cuja importância educativa está relacionada ao desenvolvimento e formação multilateral do ser humano.

2.2 Aspectos técnicos táticos do Rugby em Cadeira de Rodas

No Rugby em Cadeira de Rodas os jogos são disputados por equipes de quatro jogadores em quadra, com o objetivo de marcar o trie, atravessando a linha no campo adversário. A quadra de jogo tem dimensões semelhantes as do basquete, 28 metros de comprimento por 15 metros de largura, com uma bola similar a do vôlei e o jogo é dividido em quatro períodos de 8 minutos cada.

A partida deve sempre começar com quatro jogadores em quadra, mas para que isso aconteça a somatória desses jogadores deve ser sempre 8 pontos, conforme a classificação dos atletas, sendo todos homens. Quando essa equipe em sua formação tem uma mulher em quadra, a pontuação pode aumentar em mais 0.5 ponto (IWRF, 2020), assegurando uma melhor competitividade.

As regras também são relacionadas ao tempo em que os jogadores tem disposto para marcarem o trie. Um dos tempos que os atletas têm é o tempo para saírem de sua quadra de defesa, para isso doze segundos são cronometrados em relógios na mesa de arbitragem. Para que os jogadores completem a jogada são cronometrados quarenta segundos, após esse tempo passado e não completado o trie é passado a bola para a equipe adversária. O jogador que estiver em posse da bola

não tem tempo definido para passar a bola para outro, entretanto ele tem que driblar a bola (toque ao chão) ao menos uma vez a cada dez segundos dentro do tempo que a equipe tem para finalizar a jogada. Com a posse da bola, eles não podem ficar por mais de dez segundos na área chave da equipe adversária.

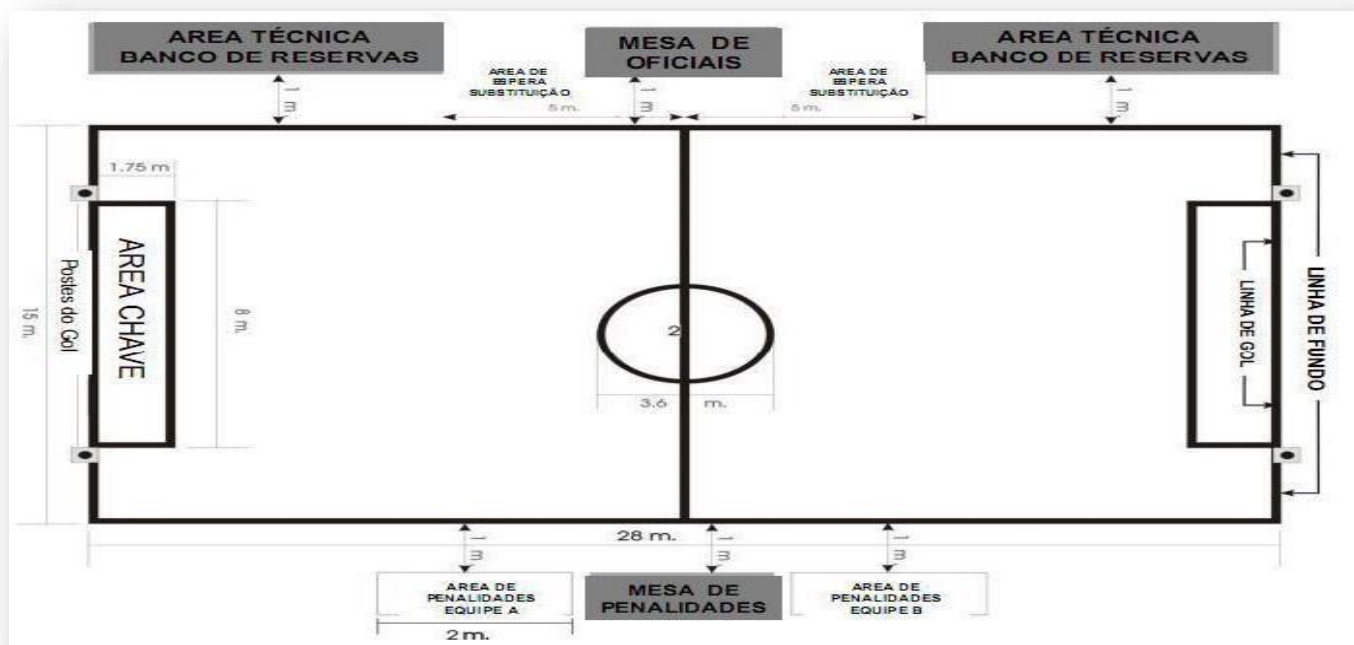


Figura 1 – Quadra de Rugby em Cadeira De Rodas

Durante a partida, os atletas utilizam cadeiras de rodas esportivas específicas, projetadas para resistir ao contato e proporcionar agilidade (CPB, 2024). O rugby em cadeira de rodas pode ser caracterizado como uma atividade intermitente a qual envolve habilidades de coordenação da cadeira de rodas (mudança de direção e bloqueios) e habilidades de manuseio de bola (passe e recepção) (Gómez et al., 2015). Como também observado no basquete em cadeira de rodas, atividade essa muito parecida com o rugby, sendo ela a precursora para o surgimento do esporte.

No rugby existem classes funcionais que vão de 0.5 até a 3.5, em que quanto menor a classificação maior o grau de lesão do atleta. As classes funcionais altas (3.0-

3.5) são as que possuem maior distância percorrida, ações em alta intensidade e participação nas fases ofensiva e defensiva (Rhodes et al., 2015). As classes funcionais baixas por possuírem maior comprometimento dos membros geralmente atuam como jogadores de defesa. Ainda, as classes funcionais baixas (0.5-1.5) atuam como jogadores bloqueadores para facilitar as ações de manuseio de bola e deslocamento dos atletas de classes funcionais altas (MOLIK et al., 2008).

O processo de classificação atesta que a deficiência ou comprometimento do atleta é relevante em seu desempenho esportivo, e que compete em igualdade de condições a outros atletas (ABRC 2020).

As cadeiras em que os jogadores utilizam são adaptadas para o esporte, com isso mostra o desenvolvimento para que elas sejam reforçadas para o contato nas jogadas, tendo especificações para a atividade. Existem dois tipos de cadeira de rodas, que são feitas específicas para cada atleta, as de ataque e as de defesa.

As cadeiras podem ter pequenas variações, desde que respeitem as regras impostas. Isso garante que todos os jogadores competem em condições justas e que as inovações não comprometam a integridade do esporte (WWR, 2024). As cadeiras de ataque são mais leves, para que os atletas possam ter uma melhor variação de movimento, realizar as mudanças de direções, já as cadeiras de defesa são mais pesadas para que os atletas possam bloquear os atletas de ataque e evitar assim a marcação do trie.

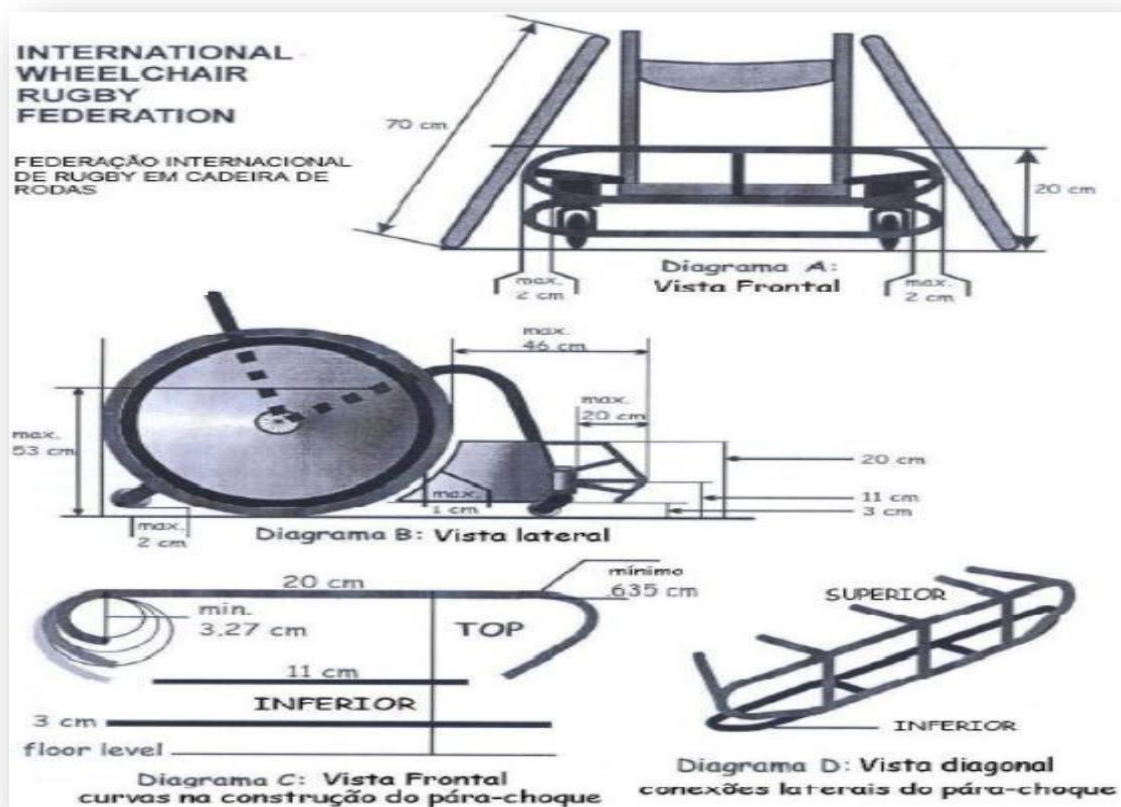


Figura 2 – Cadeira de Rodas de Rugby.

Para uma melhor jogabilidade os atletas utilizam amarras e luvas para melhor a aderência e fixação na cadeira de rodas, assim fazendo com que o atleta possa preocupar-se apenas com o jogo e não tendo que se preocupar com quedas desnecessárias em sua movimentação. O contato entre as cadeiras é permitido e é uma das principais características do esporte e a que mais chama a atenção do público (ABRC 2020).

2.3 Análise do jogo de Rugby em Cadeira de Rodas

Quando se fala em análise de jogo, observa-se que é algo muito importante em todos os esportes coletivos que contém jogabilidade, para podermos identificar qual a melhor estratégia para cada momento da partida, verificando assim o desempenho dos atletas e das equipes. Sendo assim o rugby em cadeira de rodas como esporte que

cresce a cada ano não é diferente, pois se torna cada vez mais um esporte muito procurado por praticantes e torna-se cada vez mais objetivo de estudos.

A definição de análise de jogo como sendo o estudo do jogo a partir da observação dos comportamentos dos jogadores e das equipes ressalta o comportamento dos jogadores enquanto objeto de estudo (Garganta, 2001).

Quando se fala de Rugby em Cadeira de Rodas tem-se notado um elevado aumento na concepção de estudos na área da análise do jogo, um dos motivos a ser observado cabe ao crescimento do esporte, sua competitividade e a profissionalização nos aspectos tanto nacional como também internacional. Dessa maneira, qualquer informação, técnica e tática, coletada e analisada pelas equipes em jogos de RCR é importante, para direcionar o trabalho do treinador, independentemente do nível competitivo em que se encontram (FARIAS, 2024).

E como se trata de um esporte coletivo as tomadas de decisão são importantes para o andamento da partida/jogo, tendo em vista que existem momentos em que o atleta precisa realizar uma determinada jogada sozinho, como também de forma coletiva para conseguir marcar o ponto para sua equipe, como evitar o ponto da equipe adversária. Por isso, a tomada de decisão dos jogadores manifesta-se para solucionar situações-problemas do jogo, marcadas pela interação entre vários elementos, como praticante, companheiros, adversários, espaço, tempo, regras, bola, entre outros (JUNIOR, 2014, apud. OLIVÉ; BRITTO, 2020).

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Neste capítulo será abordado de forma detalhada como foi desenvolvida a pesquisa, serão apresentados o material e o método utilizados para a realização desta. De acordo com Marconi e Lakatos (2006, p. 46) o método é:

O conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 46)

3.1 Caracterização da pesquisa

Trata-se de um estudo documental com dados secundários, que traz consigo a coleta de dados de forma quantitativa, sua essência foi relatada por outros pesquisadores. Esses dados podem vir de documentos oficiais, bancos de dados públicos, arquivos históricos, entre outros (BOWEN, 2009).

3.2 População e amostra

A amostra contou com 1221 tries realizados em 18 jogos realizados de Rugby em cadeira de rodas da Paralimpíada de Tóquio 2020, com 8 equipes de vários países, das classes 0.5 à 3.5. No geral, participaram 92 atletas, sendo eles 16 da classe 0.5, 16 da classe 1.0, 8 da classe 1.5, 18 da classe 2.0, 8 da classe 2.5, 17 sendo da classe 3.0 e 9 sendo da classe 3.5.

3.3 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

Os dados dos tries de cada período de jogo e a classificação funcional dos atletas foram obtidos nas súmulas dos jogos de Rugby em Cadeira de Rodas da Paralimpíada de Tóquio 2020, disponível no site da WWR (<https://worldwheelchair.rugby/results/>).

Em seguida, esses dados foram anotados em uma planilha do Microsoft Excel, onde foram organizados para a tabulação. A classificação funcional que varia de 0.5 a 3.5 foi agrupada em 4 grupos, sendo eles baixa I: classe 0.5, baixa II: 1.0 e 1.5, alta I: 2.0 e 2.5 e alta II: 3.0 e 3.5.

3.4 Análises dos dados

A estatística descritiva, média e erro padrão estimados foram utilizados para os valores de trie e classificação. A comparação dos tries foi realizada entre classes

(grupos de classe) e períodos por meio de um modelo linear generalizado. O melhor modelo foi considerado aquele com menor valor de Bayesian information criterion (BIC) conforme a distribuição (normal, gama e tweedie) com log.

Quando detectadas diferenças entre classes, foi aplicado o post hoc de Bonferroni. O valor foi considerado significativo quando $P < 0,05$. Os dados foram analisados pelo programa Statistical Package of Social Science (SPSS), versão 25.0 (IBM corp., Armonk, EUA).

3.4 Aspectos éticos

Este projeto de pesquisa por tratar de análise de súmulas de jogos e por se tratar de um estudo secundário a partir de informações de livre acesso, dispensa-se a utilização do termo de consentimento esclarecido e submissão ao Sistema CONEP/CEP, de acordo com a Resolução CNS n.º510, 2016, e a Lei n.º12527, de 18 de novembro de 2011.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo contou com 92 atletas de 8 equipes que participaram da Paralimpíada de Tóquio 2020. Sendo 32 pertencentes ao grupo classe baixa, 16 do grupo classe baixa I e 16 da classe baixa II. Dos 52 atletas que compuseram a classe alta, 26 foram da classe alta I e 26 da classe alta II. A distribuição dos atletas por classe/categoria pode ser observada na tabela 1, como proposto por Morgulec et. al 2010.

Tabela 1 – Distribuição dos atletas por grupo de classificação funcional

Grupo	Classe Funcional	(n)
Classe baixa I	0.5	16
Classe baixa II	1.0 – 1.5	24
Classe alta I	2.0 – 2.5	26
Classe alta II	3.0 – 3.5	26

Fonte: Dados reportados em valor bruto.

Mostrou-se que das 8 equipes que participaram dos jogos 7 delas tem mais jogadores das categorias alta I e II que jogadores das categorias baixa I e II, sendo assim apenas uma das equipes tem mais jogadores da categoria baixa II, assim as equipes estruturando-se com mais jogadores de classe mais alta. Isso se dá pois é um esporte de intensidade, segundo Farias (2024) “em que existe uma tendência para os atletas das classes altas possuírem maior participação na execução dos tries, devido às escolhas técnico-táticas das equipes e a questões relativas às maiores condições funcionais e fisiológicas desses atletas”.

Os três primeiros do pódio das Paralimpiadas em sua composição foram observados que as categorias alta I e II eram a grande maioria dos atletas de suas equipes. Como também é evidente através da súmula que os técnicos tendem a começar com os atletas de categorias mais altas, para poderem marcar mais tries, que é o objetivo principal das equipes e consigam a vitória sobre a equipe adversária devido a sua recuperação cardiopulmonar, que gera uma recuperação mais rápida segundo Mello et al. (2020). Segundo Amaral et al. (2024) os atletas de categorias mais altas participam mais dos períodos e em sua maioria, tem mais tempo de jogo que atletas de categorias mais baixas.

A comparação dos tries foi realizada entre classes (grupos de classe) e períodos. Quando analisado a realização de tries por grupo de classe (classe funcional) por jogo e por período observou-se diferença significativa entre os grupos de classe, independentemente do período de jogo ($P < 0,001$), mas não entre períodos ($P = 0,791$) ou interação do período com a classe funcional ($P = 0,993$). Ao comparar a quantidade de trye por jogo por grupos de classe, foram detectadas diferenças significativas entre todos os grupos ($P < 0,001$).

A tabela 2 sumariza a relação entre tries por jogo e grupos de classificação funcional.

Tabela 2 – Distribuição dos tries por grupo de classificação funcional

Grupo funcional	classe	Classe Funcional	Tries	Média(erro padrão)
Baixa I		0.5	12	0.2 (0.06) ^a
Baixa II		1.0 e 1.5	94	1.0 (0.1) ^a
Alta I		2.0 e 2.5	326	3.0 (0.4) ^a
Alta II		3.0 e 3.5	1134	12.8 (1.1) ^a

Fonte: Dados reportados em média e erro padrão. ^aDiferença significativa entre todos os grupos de classe funcional.

Segundo Amaral et al. (2024) observa-se que quanto maior a classificação funcional do atleta maior a transposição da jogada em trie. Esses resultados indicam que o desempenho em relação à velocidade e agilidade estão relacionados à sua classificação, em razão as escolhas técnico-tática e razões neuromusculares, como proposto por Vanlanderwijck (2016).

Como observado nos valores da média em que vai aumentando conforme o aumento da classificação funcional, exprimindo que quanto maior a classificação mais tries o atleta converte para sua equipe segundo Farias (2024). Salientando que jogadores com categoria baixa I e II tendem a manter-se na defesa devido suas dificuldades de agilidade, evidenciando que esses atletas por não terem tanta mobilidade, rápida saída de bola, um manuseio da cadeira com alto grau de perícia mantém-se na zona defensiva, realizando bloqueios defensivos e ofensivos como proposto por Rhodes et al (2015).

Enquanto os de classificação alta I e II tendem a participar mais das jogadas de ataque, mas também contribuem na defesa, mostrando assim que esses atletas percorrem maiores distancias me quadra, segundo Gorla et al. (2012). Evidenciando assim que esses atletas marcam mais tries por jogo também por questões táticas e técnicas, a participar mais das jogadas, dos períodos, do jogo como um todo consoante Amaral et al. (2024).

Sendo assim, realça-se que devido à estrutura tomada pelos técnicos de colocar jogadores de classes mais altas, também de mantê-los mais tempo em quadra, engrandece a razão das categorias mais alta I e II marcarem mais tries que as

categorias baixa I e II. Segundo Gorla et al. (2012), essa relação dos atletas com classificação funcional mais alta é devido aos testes de agilidade e velocidade estarem atrelados a esse quesito.

A partir deste estudo, espera-se que os atletas, técnicos e futuros técnicos possam aumentar suas percepções em relação à promoção do esporte, viabilizando o momento de cada atleta em cada período para conseguir o objetivo final.

5. CONCLUSÃO

Conclui-se a partir deste estudo que equipes que tem em sua formação inicial atletas de classe mais altas tendem a vencer, e marcar mais tries. Que quanto maior a classificação funcional do atleta mais tries ele marcar com relação à atletas de categorias mais baixas.

Com isso os técnicos e jogadores podem observar que equipes que possuem atletas de classificações mais altas tendem a serem vencedoras, que iniciar com atletas de categorias mais altas propende a marcar mais tries no início da partida.

Este estudo deixa uma gama de conhecimentos para que atletas e treinadores de Rugby em cadeira de rodas possam assentir que o esporte se torne cada vez mais competitivo e reconhecido no âmbito nacional, estadual e municipal.

REFERÊNCIAS

ABRC - Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas. Disponível em: <<http://www.rugbiabrc.org.br>>. Acessado em: 20/07/2024.

BOWEN, Glenn A. Análise documental como método de pesquisa qualitativa. **Qualitative research journal** , v. 9, n. 2, p. 27-40, 2009.

CPB - Comitê Paralímpico Brasileiro. Disponível em: <<https://cpb.org.br/>>. Acessado em: 20/07/2024.

AMARAL, Rodrigo Andrade. **Rugby em cadeira de rodas**: auto-organização do jogo, desempenho das equipes e a influência das classes funcionais. 2022. Dissertação (Mestrado em Atividade Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2022. doi:10.11606/D.109.2022.tde-21102022-143755. Acesso em: 2024-09-21.

FARIAS, Paulo Victor Barvosa de . **DESEMPENHO OFENSIVO E DEFENSIVO DE ATLETAS INICIANTE E EXPERIENTES DE RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS**. João Pessoa, f. 35, 2024 Trabalho de Conclusão de Curso (EDUCAÇÃO FÍSICA) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

GARGANTA, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos: Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1(1), 57–64. Disponível em: <<https://doi.org/10.5628/rpcd.01.01.57>>. Acessado em: 17/08/2024.

GÓMEZ, A. M.; MOLIK, B.; MORGULEC-ADAMOWICZ, N.; SZYMAN, J. R. Performance analysis of elite women's wheelchair basketball players according to team-strength, playing-time and players' classification. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, v. 15, n. 1, p. 268-83, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/24748668.2015.11868792>>. Acessado em: 05/09/2024.

GORLA, J. I. et al. Validação da bateria “Beck” de testes de habilidades para atletas brasileiros de “rugby” em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. 3, p. 473–486, 2011.

GORLA JI, PENA LG de S, CAMPOS LFCC, SILVA A de AC e, GOUVEIA RB, SANTOS LGTF, ALMEIDA JJG, FLORES LJF. Correlação da classificação funcional, desempenho motor e comparação entre diferentes classes em atletas praticantes de rugby em cadeira de rodas. *R. bras. Ci. e Mov* 2012;20(2):25-31.

MARCELINO, R.; MESQUITA, I.; SAMPAIO, J. Effects of quality of opposition and match status on technical and tactical performances in elite volleyball. *Journal of Sports Sciences*, v. 29, n. 7, p. 733-41, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/02640414.2011.552516>>. Acessado em: 05/09/2024.

MELLO, ADS et al. Recuperação cardiopulmonar em atletas de Rugby em Cadeira de Rodas: efeito de nível competitivo e classificação funcional. **ConScientiae Saúde** , v. 4, pág. 429–443, 2020. Disponível em: < Recuperação cardiopulmonar em atletas de Rugby em Cadeira de Rodas: efeito de nível competitivo e classificação funcional | ConScientiae Saúde (uninove.br)>. Acessado em: 18/09/2024.

MOLIK, B. et al. An examination of the international wheelchair rugby federation classification system utilizing parameters of offensive game efficiency. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 25, n. 4, p. 335-351, 2008.

Morgulec-Adamowicz, Natalia *et al.* Game efficiency of wheelchair rugby athletes at the 2008 paralympic games with regard to player classification. **Human movement**, v. 11, p. 29-36, 2010.

OLIVÉ, Luciana Ribeiro; BRITTO, Vitor Pantoja de. **TOMADA DE DECISÃO NO BASQUETEBOL**. Brasília: Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, 2020.

QUINTINO, Saulo Gabriel; REIS, Rafael Estevam. Rugby em cadeira de rodas: uma análise da modalidade no Brasil. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 21, n. 2, p. 291-300, 2021.

RHODES, J. M. et al. Effect of team rank and player classification on activity profiles of elite wheelchair rugby players. *Journal of sports sciences*, v. 33, n. 19, p. 2070-2078, 2015.

SILVA, Matheus Emiliano et al. A relação entre classificação funcional, força muscular de membros superiores e agilidade de atletas do rúgbi em cadeira de rodas. **Fisioterapia e Pesquisa**, v. 30, p. e22002623en, 2023.

VANLANDEWIJCK, Y. C. Contribution of sport science to performance: Whee-lchair rugby. In: VANLANDEWIJCK, Y. C.; THOMPSON, W. R. (Editors). *Trai-ning and Coaching the Paralympic Athlete: Handbook of Sports Medicine and Science*. New York: Wiley Online Library, 2016. p. 172-98. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/9781119045144.ch9>>. Acessado em: 06/08/2024.

YILLA, A. B. et al. Quad Rugby. ... what is it. *Sport`n Spokes*, v. 14, n. 12, p 29-30, 1988.

WWR. World Wheelchar Rugby. (2022). WWR Classification Rules. Disponível em: <<https://worldwheelchair.rugby/wp-content/uploads/2021/12/WWR- Classification-Rules-2022.pdf>>. Acessado em: 03/08/2024.

WWR. World Wheelchar Rugby. (2022). Disponível em: <<https://worldwheelchair.rugby/wp-content/uploads/2021/12/2020-Tokyo-Wheelchair-Rugby-Results-Book.pdf>>. Acessado em : 02/08/2024.

ANEXOS / APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

CERTIDÃO

Declaro que o departamento de Educação Física do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, aprovou a realização do projeto de pesquisa para desenvolvimento do Trabalho de Conclusão De Curso (TCC), intitulado: **ANÁLISE DOS TRIES DO RUGBY EM CADEIRA DE RODAS NA PARALIMPIADA DE TOQUIO 2020**, que será desenvolvido pelo aluno **Samuel Almeida Brasileiro**, matrícula 2016089404, sob a orientação da professora **Elaine Cappellazzo Souto**, docente do Departamento de Educação Física.

Documento assinado digitalmente
 **ELAINE CAPPELLAZZO SOUTO**
Data: 11/11/2024 18:40:13-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura do Orientador

João Pessoa, 10 / 10 / 2024